ANO 2.º — OVAR, 13 de Março de 1921 — NUMERO 35

A DEFEZA

ORGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO LIBERAL

DIRECTOR E EDITOR — Antonio Ferreira Coelho — ADMINISTRADOR — Joaquim Correia Dias

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA ANTERO DO QUENTAL, 18

ASSINATURA
Continente e Ilhas adjacentes, semestre . . $75
» » ano . . 1$50
Africa e Brasil, ano . . . . 3$00

PROPRIEDADE DA EMPREZA
Composto e impresso na IMPRENSA PATRIA — Rua Antero do Quental, 36 — OVAR

ANUNCIOS
Primeira publicação, $10 centavos a linha.
Repetições, idem.
Permanentes, contracto especial.

PARA O ABISMO? OUTRA VEZ BERNARDINO

A moderna politica portuguêsa vem-nos reservando para cada dia que passa uma surpreza genial, destas de que o comum dos homens estava muito longe de suspeitar, sequere!

Seria extenso o rozario, se para aqui o quizessemos agora ficar a desfiar ou esbagoar. E é por isso que já a ninguem maravilham os acontecimentos mais estupefacientes, tão habituados estamos a eles no campo politico.

Cá temos outra vez o homem, mas agora um furo abaixo. Bernardino Machado, o destronado presidente da Republica, acaba de ser chamado a Belem para constituir ministerio e na realidade o conseguiu. A' hora em que escrevemos é sua ex.ª chefe de governo! Que nos dizem a isto? Nada, certamente. Apenas o já classico encolher de hombros que é hoje em dia a única expressão que traduz e melhor define o estado dalma da maioria dos portuguêses em face do desabar constante de tantas e tão acarinhadas esperanças!

Teem razão. Isto deu, ao que parece, o que tinha a dar: sempre a intervalos as mesmas infrutiferas experiencias, já não ha que espantar nem mesmo com a audácia e semcerimonia de certos figurões de capacidade polida e descrida, politica e moralmente falando, que vaiados um dia na sua ridicula vaidade pelos apupos dum povo inteiro, ainda se sentem com a descaro bastante para se apresentarem a sério como mentores dos destinos desse mesmo povo!

No entanto o sr. Bernardino Machado viu desde o primeiro dia do seu actual governo, as indicações bem claras desse povo: o desagrado; e por isso, receando que novamente o forçassem ao trajecto de Badajoz, mandou pôr todas as tropas do paiz de prevenção logo que assumiu a presidencia do gabinete!

E' que sua ex.ª é considerado na opinião publica como um velho sem tino, com os pés para a cova conforme muito bem disse um dia um representante da soberania nacional e por isso um trambôlho atado aos pés dum paiz que deseja avançar e progredir; com a responsabilidade de crimes tão hediondos como o da libertação do incendiario da Madalena e da impunidade do assassino do professor Gueifão; é o escorraçado da Presidencia da Republica a que nunca devia ter ascendido como estrangeiro que é e ridicula figura de palhaço que sempre se mostrou com suas mesuras arlequinescas, e por isso não podia ser recebido simpaticamente.

Devemos, porém, confessar que criatura tão antipatica fica bem á frente dum governo democratico. Só ali.

Ele encarna admiravelmente o ideal do democratismo que vem sendo nas horas vagas do assoalhamento da vaidade e da saciedade de odios e desejos de vingança, a sustentação de clientelas e dos *defensores*.

E' um ideal pouco confessavel e nada patriotico, que aí se teem visto em pratica á larga e á grande; e tanto que se tem repetido que ele, esse partido, sómente se sente bem ou a comer ou a fazer mal; e por isso mui prudentemente declarou o chefe do governo no dia da sua posse que o seu gabinete não tinha programa!

E' melhor assim: manobra-se mais facilmente á feição do vento. Cada titular risca servicinho livre de peias, nem unidade de vistas. Favorece ou desfavorece o partidario ou o adversario, á vontade.

O aumento do numero dos conservadores é um pano de amostra. A par vieram logo as primeiras violencias. Sem isto mal teriamos no poder democratismo bem definido. As prisões abriram-se de novo para recolherem individuos havidos como suspeitos; e talvez para justificação de mais larga opressão, foram postos a circular boatos de alteração da ordem publica pela mancumunação de todos aqueles que até agora veem sendo o pesadêlo do partido dos escandalos sindicalistas e conservadores! A cordialidade tinha fatalmente de dar os seus frutos.

A perturbação principia, pois, a ser lançado no seio do povo português e, certo, novamente se vão acirrar os odios politicos de partido que tamanhos males sempre acarretaram para o paiz e tanto arruinaram a vida nacional. Sidonio Pais vai ser talvez objecto dum rancor que não cança.

O seu repouso sereno de morto deve estar acima da contestação do programa de governo, que ele com destemida nobreza se propunha realisar e que, pagou com o proprio sangue a divida de amor á sua terra, incomoda a quem, não contente com lhe tirarem a vida, só sentiria satisfeita a sua ferocidade espalhando-lhe ao vento as cinzas que a morte injusta tornou venerandos. Essa figura verdadeiramente grande, no dizer do ministro da America, que já despertou a mais sentida admiração do corpo diplomatico extrangeiro, residente em Lisboa, por ocasião da sua morte violenta, a homenagem do mais elevado conceito e apreço, irrita essas feridas vaidades ridiculas, ainda agora na algidez da materia inerte a que a reduziram e por isso talvez se não recue perante a já anunciada intenção, agora mais uma vez lembrada, de lhe tocarem sob qualquer pretexto!

Bernardino Machado não perdoará nunca a quem o apeou da Presidencia da Republica que foi depois exercer!!! lá fóra num quarto de hospedaria!

E assim não desperdiçará ele a ocasião que se lhe oferece.

A sua politica ou acção governativa girará, pois, em ultima analise em volta dos Jeronimos, como vôo de ave de rapina em torno duma urna funeraria (vai nisso mesmo a satisfação do democratismo) e primará em atender clientelas e desejos de vinganças. Os grandes problemas nacionais ficarão inabordados e a nação continuará na descida vertiginosa em que marcha, para o abismo.

Outra vez Bernardino? Não o duvidem.

O sr. Martinho

Por duas ou trez vezes já o sr. Martinho da «Patria» se nos tem atirado ás pernas, quando serenamente iamos percorrendo o nosso caminho. Enxotamo-lo então, volta agora.

Não supunhamos, que por detraz daquele anonimo, estava o mesmo homem de sempre, porque é ele e só ele o autor de tudo quanto representa uma vingança, uma difamação, uma vil mentira.

Ele supoz que á vontade podia explorar o concelho, primeiro arrogando-se um benemerito, e depois lançando mão das vinganças para produzir o terror; e porque nós lhe dissemos: basta; lhe discutimos uma a uma as suas disparatadas posturas—desata no insulto soez, chato e vil, proprio de quem não tem mais que dar.

Diz que nós o queremos ferir.

Nós não o queremos ferir: nós queremos apenas que volte á situação de que nunca deveria ter saido, porque é incompetente para desempenhar os cargos que pela sua audacia, pela sua intriga e pela demasiada confiança dos outros, a quem falseou, está ocupando.

Nós queremos reduzir á sua justa posição o pigmeu que abusa por todos os modos e feitios do poder para exercer vinganças, para explorar os serviços publicos em seu favor e da clientela que o bajula.

Nós queremos emfim defender o concelho dum homem que lhe é nocivo.

Desfizemos a lenda: está feita a propaganda necessaria —agora resta somente, que o povo termine por um acto legal, a corrupção, que por aí se estadeia.

E este Martinho da Ribeira que sempre fez da politica um balcão de mercancia, tem a audacia de vir falar na politica e nos politicos antigos, e nas administrações monarquicas em que se fez a venda da Estrumada.

Os politicos desse tempo, sr. Martinho, quando saíam da politica e das administrações municipais de então, se eram ricos, não aumentavam lá a sua fortuna, e se para lá tinham entrado pobres, mais pobres saíam. E nesse tempo o seu trabalho era posto ás ordens dos seus eleitores, sacrificavam tudo pelo seu partido.

Era essa a politica antiga, dentro do partido os maiores sacrificios, sem lucro—de fora os maiores ataques, sem exceptuar a honra e a vida. A atmosfera de odios não dava logar á escolha de meios; e por isso essa epoca é lembrada com terror; e por isso sempre quizemos evitar que caíssemos no mesmo inferno.

Passaram-se os tempos veio a serenidade, e com ela a justiça. E viu-se o que eram esses ataques de então. Os que se haviam locupletado com os bens municipais estavam ao sair das administrações, mais pobres do que quando para lá tinham entrado; e muitos, ao abandonarem essa politica violenta, mas bem mais leal do que a de agora, tinham deixado nela algum pouco do que possuiam.

Mas, sr. Martinho da Ribeira, o que nenhum desses politicos concebeu foi fazer dum estabelecimento publico alcouce afim de mandar para lá as suas amantes já gastas.

E agora tem a palavra o sr. Martinho para continuar na sua honrosa tarefa.

Comedia

Quando o sr. Virgolino Chaves disse no teatro aquela celebre frase—«Unamo-nos todos sem diferença de partido ou credo religioso»—nós retorquimos-lhe que tal união era impossivel porque entre ele e as vitimas do seu odio existia um mar de lagrimas.

E ele então respondeu no seu orgão: «onde ficam os roubos, os assaltos á mão armada, os arrombamentos, as violencias feitas por aquelos para cuja defeza se fundou um orgão e um partido republicano?»

Aí o teem...

Mas ou o que ele publicou é mentira, ou pensando assim para que disse em publico, perante os vareiros boquiaberto por tanta audacia:

«Unamo-nos todos».

Pura palhaçada, comedia baixa para iludir ingenuos e para armar á popularidade que lhe falta e que nunca pode conquistar.

Falta-lhe o chão debaixo dos pés.

O sr. Virgolino Chaves perdeu a chave com que dizia por Lisboa e Aveiro que tinha o concelho fechado na mão.

O grande homem dos melhoramentos desorienta-se, perde-se quando lhe descobrem as manobras e quando recebem ás gargalhadas as suas tentativas de aproximação.

Ha-de ficar onde está, para expiar o que fez, os abusos que tem praticado.

Pois era só ferir, perseguir, esmagar os inimigos pessoais a proposito de ofensas á Republica, e depois gritar:

Unamo-nos todos?

Não, isso seria a palhaçada depois da tragedia.

Os novos impostos

Desde que a Junta da freguezia de Macêda, obedecendo a pressões, não importa de que qualidade passou para o lado contrario evitando agora o que antes tinha regeitado, nós ficamos vencidos na campanha, que em prol do concelho haviamos empreendido. Não fomos propriamente nós os vencidos, mas os contribuintes da nossa terra, porque são esses que vão sentir os efeitos dessa perniciosa medida, ditada não só pela ignorancia supina do que seja um imposto sobre a exportação, como pela sofreguidão em arranjar meio de prover a clientela de empregos e favores.

Pode o mandão local embandeirar em arco o seu grupo, porque depois de ter sofrido o cheque que lhe aplicou a maioria das Juntas, se viu obrigado a rojar-se perante elas, chamando-as para as consultar, pedindo-lhe para assinar um compromisso antes de novamente expôr á sua aprovação uma outra deliberação camararia. Antes, ditara uma ordem e depois fez um pedido, mas só quando apanhara o cheque, que amarfanhou a sua incomensuravel vaidade.

Agora ficamos vencidos—nós que apenas somos um partido em organisação, não dispondo doutros elementos mais do que a boa vontade dos nossos amigos e da antipatica de que goza o mandão democratico. O nosso partido nem tem por emquanto a ligação de que precisam os seus suplementos locais, nem dispõe em qualquer luta das dependencias que o poder tem criado e de elementos ligados por anos de lutas.

Na nossa frente tinhamos um partido que herdou a organisação do partido republicano local, que durante muito tempo, sempre no poder, tem tido aberto o cofre dos empregos e das dependencias da camara e das secretarias e repartições, que tem usado e abusado das isenções militares.

Pondo tudo isto ao seu serviço, dobrou uma junta e venceu a maioria, lançando, mesmo assim, mão de quantas teias podia.

Mas afinal de contas isto não passa dum simples incidente na luta que vamos travando com o chefe democratico, porque o seu grupo desaparece perante o despotismo que se lhe impõe.

Fala a *Patria* em visitas noturnas e correrias. Mas que duvida: nós, lutando agora e sempre, havemos de empregar os meios legitimos que temos ao nosso dispor para derrubar o *mandão* que tem ao seu dispor todas as dependencias que lhe vem dando o poder.

A luta, perante as Juntas, foi uma simples fase da campanha, o primeiro capitulo, que há de seguir até ao epilogo necessario. Os partidos não existem para usofruir apenas as beneses do poder, para explorar os empregos publicos—servem para lutar; e é o que faremos, é o que faremos na oposição, porque quando formos governo, estamos livres das lutas.

Está na forja o regulamento dos novos impostos. Deve ser obra de tomo, a calcular pelas posturas municipais, obra do mesmo autor.

Quando se pozer em pratica, aqui o apreciaremos devidamente.

E, na aplicação desse imposto, seremos o que temos sido nas outras medidas municipais.

Temos visto e demonstrado de um modo sobejo como o mandante democratico, deturpa e corrompe todas as medidas camararias.

No cumprimento das posturas, que estão a passar ao rol das coisas esquecidas, só se tem visto o arbitrio e a vingança—excepção feita de quando a guarda republicana a fiscalisa—sem que o mesmo mandão intervenha.

No capitulo do real de agua municipal já vimos como se pratica a igualdade.

Nos impostos sobre as lenhas exportadas do concelho, imposto tão iniquo como disparatado, deixou-se de cobrar o imposto que havia no ano passado sido arrematado; isto quando se alega que á Camara falta o dinheiro indispensavel. E porque se deixou de cobrar esse imposto?

A nossa apreciação, a nossa critica há de fazer-se, para que o concelho conheça bem a especie de gente que o domina, e qual a razão porque um grupo de homens que deviam ter a hombridade precisa para repelir as imposições dum incompetente, se dobram aceitando tudo.

Essa inspecção há de ser a rigor, para que se não deem os abusos que aí se estão praticando a proposito de tudo, só para arranjarem partido á custa do municipio.

E' preciso não confundir a vereação municipal com o mandão que a obriga a proceder, quasi sempre, contra a sua vontade, contra o seu modo de ver.

Esses homens que na sua maioria teem o seu nome ligado a vereações republicanas, que prestaram relevantes serviços ao municipio, sem que exercessem um acto de vingança ou de odio contra os seus adversarios de então—não podem hoje ser responsaveis por uma politica de selvagens, de odientas perseguições, como as que se estão fazendo em nome do municipio.

Não, nós e todos, devemos apartar a vereação municipal do *sobu* democratico. Entre uns e o outro há uma grande diferença; e seria grande injustiça confundi-los, jungi-los na mesma reprovação.

A cada um o que lhe pertence.

Escola supero-inferior

Foi despachada creada da escola superior, em substituição das duas primitivas, a esposa do sr. Manoel José de Pinho Malhadares, membro do senado vareiro e importante influente do partido democratico.

Segundo consta, parece que a reforma do pessoal começou pelas duas creadas e que seguirá pelo resto até ao fim—clementes e tudo.

Se assim fôr...

Mas é pena que as duas creadas se fossem embora.

Elas marcavam: eram uma parte integrante da escola; elas sem a escola e a escola sem elas ficam mancas, truncadas.

Todos os trabalhos tipograficos se executam com perfeição na IMPRENSA PATRIA—OVAR

A amnistia e os inimigos

Numa das ultimas reuniões do Partido Republicano Liberal foi votada a moção de que fazem parte estas bases:

«Considerando que a amnistia aos presos politicos, longe de desprestigiar a Republica, como alguns pretendem, a cercará duma aureola de generosidade, impondo-a ao respeito dos adversarios, em toda a sua beleza moral;

«Considerando, que os peores inimigos da Republica são aqueles que, abrigados nas dobras do seu manto, constantemente a envenenam com os seus actos de faciosismo, que vão por vezes até ao crime.»

E' esta a doutrina, que sempre temos defendido porque é larga, generosa e verdadeiramente popular.

Mesmo os grandes inimigos da Republica só pela bondade devem ser desarmados, afim do que a nossa Patria tenha dias de socego e dentro da paz e da ordem possa levantar-se da gravissima crise que atravessa. Só assim se podia reconciliar a familia portugueza no que ela tem de bom.

Mas os exploradores politicos, os disfrutadores das largas prebendas não querem, porque teem medo de largar a prêsa, teem receio de perder a sevadeira em que engordam á custa dum paiz empobrecido.

E por isso gritam guerra—em nome da Republica, quando apenas berram pela defeza do estomago.

O regimen florestal

O sr. dr. Pedro Chaves vai recuando em datas para vêr se pode encontrar onde haja lei que lhe sirva para afirmar serem proibidas a venda das areias municipais, que entregou e deu ao Estado.

A lei 88 que a principio citou e que não soube interpretar, não lhe serviu depois: procurou em seguida no regulamento florestal de 1903 e como aí ficasse na mesma, foi de longada apanhar uma citação das velhas e poeirentas Ordenações, porque estas falam em baldios.

Mas o que o sr. dr. Chaves não sabia era que a palavra baldios nas Ordenações não tem a mesma significação que lhes deram os codigos administrativos e muito especialmente a lei n.º 88.

Para as Ordenações, baldios significa terreno publico maninho, inculto.

A distinção entre terreno proprio do municipio e terreno municipal especialmente destinado a logradouro do municipio e de que o municipio apenas tem a administração, sem que por isso dele possa dispor, aparece muito mais tarde.

Por isso as Ordenações nada tem para o caso de que nos ocupamos nem coisa alguma elucidam. E' o que o sr. Chaves devia ter visto.

Temos-lhe citado por mais de uma vez o tal periodo em que o sr. dr. Chaves disse que não era verdade pastar gado nos areais, porque estes nada produziam.

Esta sua asserção é repudiada, agora que se viu entalado.

Voltemos pois á nossa afirmação: nos areais pastava há 4 ou 5 anos gado de dois ou trez lavradores da Marinha e todo o gado dos quinteiros que vivem junto á estrada do Furadouro, como em tempo pastou gado bravo para o que a Camara passava licença de que recebia receita.

Mas estes factos não são suficientes para determinar a carateristica dum baldio municipal: antes pelo contrario. Desde que a Camara arrendava a pastagem para o gado bravo, essa pastagem não pertenceu a um baldio—porque o terreno baldio só serve para dele se aproveitarem os habitantes de certos logares, freguesia ou concelho, e não um ou mais individuos de fóra a quem a corporação administrativa arrendou o terreno.

Pelo facto tambem de alguns lavradores da Marinha e os quinteiros do Furadouro se aproveitarem ha pouco ainda das pastagens das areias para os seus gados, nunca esses terrenos se poderiam classificar baldios municipais, poderiam quando muito ser baldios paroquiais da freguezia de Ovar, o que é absurdo porque não só faltam os anos para ganhar a posse de baldios, como ainda, a Camara sempre se arrogou a propriedade daqueles terrenos.

Nem das nossas palavras, nem do que o sr. dr. Chaves escreveu, nem dos factos se pode deduzir que os areais, indevida e ineptamente entregues ao Estado, podem ser classificados baldios.

E se não eram baldios podiam e deviam ser vendidos pela Camara, creando uma importantissima receita para o municipio.

Porque se não fez isso?

Por ignorancia.

E por ignorancia se veio propalar—«aí está mais um melhoramento conseguido pelo nosso grande homem!...»

Um melhoramento igual a outros que ele diz ter arranjado—um grande... *desmelhoramento*, um verdadeiro desastre para o nosso concelho.

POR VALEGA

Legado pio "Morais Ferreira,,

Em 27 do p. p. foi apresentado, em sessão da Junta, o seguinte requerimento:

«Il.mo Sr. Presidente e mais vogais da Junta da freguesia de Valega:

Dizem os abaixo assinados Avelino Rodrigues da Fonseca, solteiro, proprietario, Joaquim José da Fonseca, solteiro, lavrador, Manuel Maria de Pinho, casado, negociante, eleitores e contribuintes desta freguesia de Valega que nos termos e para o efeito do art. 182 da Lei de 7 de Agosto de 1913 veem dar conhecimento a esta Junta de que Manuel da Silva Pereira e Pinho e irmã Maria Albina de Jesus, de Candosa de Valega, usofrutuarios dos predios deixados á freguesia de Valega por Sebastião de Morais Ferreira, falecido nesta freguesia com testamento cerrado de 19 de Outubro de 1898 registado a fls. 24 v., 25 e 26 do Livro 54 da Administração do Concelho de Ovar, teem abusado do mesmo usufruto, locupletando-se com valores que lhes não pertencem.

Assim em 1912 venderam do predio da Quinta do Candal pinheiros no valor de 900$00: este ano do mesmo predio venderam pinheiros no valor de 5.000$00.

Ora pelo referido testamento o usufruto da Quinta do Candal donde os pinheiros foram vendidos está sujeito á seguinte verba «autorise os ditos usufrutuarios a cortar com prudencia e zelo pinheiros unicamente para consumo de sua casa, ramadas, composturas ou reparações necessarias nos predios do usufruto». E como aquelas vendas estão fóra de tal autorisação devem os usufrutuarios entrar imediatamente com o valor daqueles pinheiros no cofre da freguesia e indemnisa-la dos prejuisos causados.

E como aqueles usufrutuarios abusaram do usufruto devem ser intimados nos termos do n.º 2 do art. 2.221 do Codigo Civil a prestar caução para a reparação das deteriorações que aquele pinhal possa padecer, sob pena da Quinta do Candal se pôr sem administração ou se arrendar nos termos do art. 2.222 do citado Codigo.

P. á Il.ma Junta da freguesia de Valega se digne diferir.

E. R. J.ª

Avelino Rodrigues da Fonseca,
Joaquim José da Fonseca,
Manuel Maria de Pinho».

Só tencionava voltar a este assunto depois que a digna Junta desta freguesia resolvesse sobre o requerimento acima transcrito.

Como, porém, os envolvidos nesta questão começaram já a arremessar me as pedras da sua indignação e as derrotas da sua asnidade, eu não posso ficar em silencio.

Além disso a minha qualidade de filho desta terra, e mais ainda o ter sido o iniciador desta campanha, manda-me falar e obriga-me a agir.

E' o que vou fazer; e fazendo o, sei bem ao que venho, embora reconheça ser ardua a tarefa e ir arcar com uma responsabilidade que bem poderia, e deveria, ser assumida por pessoa mais competente.

O dâno contra os indigentes, com manifesto desprezo da clausula do testamento, ia-se consumando e todos se calavam, ou por medo, ou por cobardia.

Apareci eu e cá estou a pedir contas, sem receiar nada.

Os ilustres vogais da Junta, ao ser lido o requerimento apresentado, ficaram perturbados, limitando-se a dizer que *desconheciam o facto* o que o requerimento ficava sobre a mesa para ser estudado.

Mas serão os mesmos srs. vogais sinceros afirmando desconhecerem o facto?

Vejamos: Quem fez a compra dos pinheiros do Candal? Comprou-os um ex-tesoureiro da Junta de parceria com o actual presidente da mesma.

Por conseguinte, pelo menos, o sr. presidente da Junta, não ignorava.

E em que condições foi feita a transação? Nas melhores, por assim convir ás partes. E' costume quando se trata de vendas da importancia desta, fazer-se e aceitar-se propostas.

Porque não se procedeu assim?

Não andarei longe da verdade se afirmar que, os interessados procuraram, por todas as formas, não dar nas vistas do publico, para levarem por diante o seu *feito danoso* para os pobres. E tanto assim é, que o vendedor me enviou um emissario a ver se, mediante dinheiro, me calava. Como se iludiram, porém!...

Vieram bater a uma porta

que não se rende, nem cede ás conveniencias dessa pequena *sociedade* acanalhada *nos actos* e afidalgada *nas maneiras*.

Sigo apenas o ditame da minha consciencia e sirvo a minha terra, o que é um duplo prazer para mim que a amo deveras. Infelizmente, nesta campanha moralisadora sou só, apesar de a mim lado estar muita gente que, por emquanto, não se quiz manifestar. Se me falta a força numérica que esmaga, sobeja me a força moral que anima.

Absolutamente confiante nesta força que me assiste, eu me lancei, sem hesitação, neste caminho espinhoso, mas prenunciador de triunfo.

Triunfo, sim, porque através dos insultos dos inimigos e do modo dos indecisos e da imbecilidade dos parvos, ei-de fazer luz, ei-de vencer.

E, entrementes, vou dizendo aos usufrutuarios que, se ainda querem ser alguma coisa que não desdoure o passado donde veem e preparar um futuro que de todo os não desonre, um só dever teem a cumprir—é entrar no cofre da Junta com os 5.000$00.

Valega, 6-III-921.

A. F.

Sempre a mentira, sempre a intriga...

Com a má fé peculiar que sempre em tudo e a proposito de tudo usa, a «Patria» do sr. dr. Virgolino Chaves, escreve:

«Corre por aí de boca em boca que o director dum orgão republicano local deixou de comparecer aos ensaios do Orfeon para não cantar a Portugueza!!!»

E comentando diz que a paciencia se lhe exgota e outras asneiras equivalentes proprias lá do jornal.

Para mostrar a sciencia e consciencia com que escreve, publicamos as seguintes cartas:

«Ex.mo Snr. Director do Orfeon Ovarense.

Rogo a V. Ex.ª a fineza de, com a maior urgencia, responder ás duas seguintes perguntas:

1.ª Se justifiquei e como as minhas faltas aos ensaios do Orfeon;

2.ª Se nos ensaios, a que tenho assistido, alguma vez me recusei a cantar a «Portugueza».

Pedindo licença para tornar publica a resposta de V. Ex.ª, subscrevo-me com toda a consideração.

De V. Ex.ª
Muito at.º v.or e obg.º

Antonio Ferreira Coelho.

Ovar, 10 de Março de 1921.

«Ovar, 10 de Março de 1921.

Ex.mo Snr. Antonio Ferreira Coelho.

Respondendo á carta que V. Ex.ª hoje me endereçou, na minha qualidade de director do Orfeon desta vila, cumpre-me dizer-lhe, quanto á primeira pergunta, que as faltas de V. Ex.ª aos ensaios dele me foram justificadas por scientificação diréta e por interpostas pessoas orfeonistas, e, quanto á segunda, jámais ouvi dizer, sendo portanto para mim uma novidade, que V. Ex.ª se recusasse a cantar a «Portugueza», tendo-a aliás cantado num dos ultimos ensaios geraes, a que assistiu.

Podendo usar desta resposta como entender, subscrevo-me com toda a consideração.

De V. Ex.ª
Muito at.º v.or e obg.

Adolfo Eurico Pinto do Amaral»

O sr. dr. Chaves é duma rara infelicidade em tudo quanto afirma.

Com a Associação dos Socorros Mutuos foi o que se viu.

Agora pensou encontrar meio de jogar uma picada ao nosso amigo e director e, sem atender a que ia levantar a intriga, e que podia perturbar uma sociedade de recreio de rapazes amigos, emiscuindo naquele meio artistico a sua politica rancorosa e nojenta, veio arranjar mais uma carrapata, que produz o resultado visto nessas duas cartas acima publicadas.

Sempre a mentira, sempre a calunia como processo politico.

Com que então o nosso director teve uma atitude definida a quando da *trauliltania!...*

Por isso mesmo o sr. dr. Virgolino Chaves na eleição de deputados e senadores seguinte lhe foi pedir instantemente que votasse na sua lista e no seu nome...

Então para que queria o sr. dr. Virgolino Chaves o voto desse *trauliteiro* sem que a paciencia se lhe exgotasse?

O que lhe exgota a paciencia, o que o irrita e o obriga a caminhar por atalhos invios e desastrosos é a raiva de se vêr de cada vez mais isolado.

Brrr...

Mais melhoramentos... *democraticos*—a estrada de Ovar a Pardilhó cujas obras começaram na semana passada; o muro de suporte na parada do Quartel.

Isto é que é, o mais são historias.

O partido democratico—leia-se o sr. Virgolino—arranjou logo duma assentada aqueles dois melhoramentos.

Mesmo sem estar no poder arranjou tudo. E de facto, as obras da estrada começaram a semana passada, mas já o pessoal superior há mais de um mez andava preparando os trabalhos. Mas como o *grande homem* só agora o soube, só agora veio com o... melhoramento.

Era assim que ele e os da sua roda preparavam o nome de arranja-tudo.

Lembra o caso de certos vigaristas, que, chegando as inspecções, a todos os mancebos prometem ser isentos. Feita a inspecção, se são isentos, o vigarista afiança que foi obra sua; se ficam apurados, responde que não se podia fazer mais—e vai cobrando os cunquibus.

Estamos aqui quasi na mesma: concerta-se uma estrada, repara-se um edificio, faz-se emfim a coisa mais insignificante e e logo, logo o grande homem que arranjou tudo. Ele a escrever elogios á sua pessoa e os da sua roda a espalhar o mesmo, fazem um barulho de ensurdecer.

O peor é que toda a gente conhece a fita.

?

E' bem certo que quem espera desespera, mas tambem não é menos verdade que quem espera sempre alcança.

Vem isto a proposito, pacientes leitores, por surgir agora na «Patria» certa pena, empunhada por uma manapula que tanto pode ser de um sujeito que alomba como de um cavalheiro de oficio leve. O certo, o certo é que o individuo rabisca na referida gazeta; porém, quando o faz, esquece-se da profissão que exerce, de honrado carregador ou de cavalheiro de oficio leve, para se nos mostrar um arruaceiro munido da lenha com que há de ser queimado: *vergastas e chicotes*. Quem será?

Esperemos todos, porque um dia saberemos se a sua força é cobardia ou o seu juizo imbecilidade.

CARTEIRA MUNDANA

Fizeram anos:

Hontem, 12, o sr. Apolinario da Silva Lopes, bemquisto capitalista desta vila.

As nossas felicitações.

Noticiario

Passos

Com um dia magnifico realisou-se no preterito domingo esta imponente festividade que atraiu a Ovar milhares de forasteiros.

As capelas achavam-se no geral belamente adornadas e dizem-nos que a colheita de donativos em cada uma delas, fôra abundante.

O comercio vareiro, porém, é que deve ter interessado muito, motivo porque da sua maxima conveniencia é que nunca tal festividade deixe de efectuar-se. Para isso é tambem justo que concorra com seus donativos, o que nem sempre tem sido com generosidade.

Regresso

De Lisboa, e acompanhada de sua irmã Generosa e cunhado Manoel, chegou na quinta-feira a esta vila, a ex.ma sr.ª D. Ester Augusta Nunes da Silva.

Partida

Para a capital, seguiu ha dias a ex.ma sr.ª D. Rosa Sobreira, dedicada esposa do nosso conterraneo sr. dr. Antonio dos Santos Sobreira.

Doentes

Passa bastante encomodado o nosso presado amigo Miguel Redondo Gimenes.

—Encontra-se tambem doente a ilustre sr.ª D. Maria da Gloria Amaral, esposa do sr. dr. Jose Duarte Pereira do Amaral, respeitavel clinico desta vila.

A todos desejamos rapidas melhoras.

—Entrou já em franca convalescença, o que sinceramente estimamos, o menino Francisco, filho querido do nosso bom amigo e valioso correligionario sr. Joaquim Correia Dias, digno administrador deste jornal.

«Democrata»

Passou há dias o seu 14.º aniversario este bem redigido semanario republicano independente que se publica em Aveiro.

Por tal motivo, endereçamos áquele nosso colega sinceros parabens, augurando-lhe muita mais vida.

ANUNCIOS

Revogação de mandato

(1.ª PUBLICAÇÃO)

Na comarca de Ovar, a requerimento de Agostinho Coelho, casado, proprietario, do logar da Carvalheira, freguezia de Maceda, da dita comarca, mas residente na rua dos Invalidos, da cidade do Rio de Janeiro, do Brazil, foi notificada sua esposa Maria Pinto de Jesus, domestica, do referido logar e freguezia, para esta não continuar a exercer o mandato que aquele lhe conferiu pela procuração passada perante o notario desta comarca, Doutor Francisco Fragateiro de Pinho Branco, em 29 de Julho de 1920. E porque assim fica revogado o mesmo mandato, se passou o presente, nos termos e para os efeitos do § 1.º do artigo 646 do Codigo do Processo Civil.

Ovar, 5 de Março de 1921.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de direito,

J. A. Serra.

O escrivão,

Angelo Zagalo de Lima.

ANUNCIO

(PUBLICAÇÃO UNICA)

Nos termos do art. 19 do Decreto com força de lei de 3 de Novembro de 1910, publica-se que no dia 11 de Fevereiro findo, foi proferida definitivamente sentença autorisando o divorcio litigioso dos conjuges Manoel Rodrigues e Maria da Conceição da Costa, do logar das Rossadas de Vilarinho, freguezia de Válega, desta comarca.

Ovar, 2 de Março de 1921.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

J. A. Serra.

O escrivão do 5.º oficio,

Antonio do Amaral Sembiano

Maquina Smith

Esta redacção informa quem tem uma de escrever, Smith, nova com pouco uso.

Agradecimento

A familia do falecido Manuel de Oliveira da Cunha agradece reconhecida a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar pelo passamento do mesmo, e bem assim ás que o acompanharam á sua ultima morada.

Agradecimento

Os abaixo assinados agradecem, por este meio a todas as pessoas que se dignaram cumprimenta-los e indereçar-lhes pezames pelo falecimento da sua sempre chorada esposa, mãe e sogra, que em vida se chamou Catarina Ferreira Dias, indo a nossa eterna gratidão para todos que a acompanharam á sua ultima morada.

Agradecem, igualmente, ás que assistiram ao santo sacrificio da missa sufragando a sua alma.

Na impossibilidade, emfim, de agradecerem pessoalmente fazem-no por este meio ao seu alcance.

Ovar, 9-3-921.

Francisco Tavares,
Antonio Dias Tavares,
Bernardino Dias Tavares,
D. Rosa Adelaide Dias Tavares Marcelino,
João José Dias Tavares,
Francisco Ferreira Marcelino,
D. Tereza de Oliveira Tavares,
D. Henriqueta dos Santos Saraiva Tavares,
D. Elvira da Conceição Fonseca Tavares.

CARROS

Vendem-se 4, uma charrete, uma galera e duas carroças. Quem pretender dirigir-se a Avelino Fonseca, S. João—Valega.

Associação de Socorros Mutuos Ovarense

ANUNCIO

Faço saber que em obediencia ao art. 3.º dos respectivos estatutos, a direcção desta Associação, em sua sessão extraordinaria de 13 do corrente, deliberou que a sua bandeira seja hasteada nos dias abaixo mencionados, a saber:

1.º—Em dias solenes da Associação; 2.º—Em dias que reuna a Assembleia Geral; 3.º—No dia do seu aniversario; 4.º—Em dias de festa de caridade em que a Associação tenha interferencia; 5.º—Em funeral durante troz dias quando fateça algum socio; 6.º—Em qualquer outro dia, mediante aprovação da Assembleia Geral.

O que se anuncia para os devidos efeitos.

Ovar, 14 de Fevereiro de 1921.

O Presidente,

Antonio Augusto de Abreu.

IMPRENSA PATRIA

SECÇÃO DE PAPELARIA

Papel almasso, pautado e liso, branco e azul. Caixas com papel e envelopes, de diversas marcas. Papel comercial, fino para maquina de escrever. Cartão em folha e cortado em diversos formatos. Papel de seda, em cores, etc., etc.

AVIZ

Companhia Reseguradora Portugueza

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA — CAPITAL 1.000:000$00 ESC.

Autorisada pelo Governo em portaria de 20 de Junho de 1918 e á exploração de seguros directos por portaria N.º 1766 de 5 de Maio de 1919

Séde Social — Rua do Carmo, 69—2.º LISBOA
Endereço telegrafico *VIZA LISBOA*
Telefones: Expediente, 3919—Administração, 5001

Delegação—Rua Mousinho da Silveira, 129 PORTO
Endereço telegrafico *PORTIVIZA*
Telefone—176

DELEGAÇÃO EM HESPANHA: Calle de Alcalá, 40—DELEGAÇÃO NO FUNCHAL: José Torquato de Freitas—DELEGAÇÃO DE VILA REAL: Americo Gomes da Costa—Em COIMBRA: Avenida Sá da Bandeira, 50-1.º

SEGUROS E RESEGUROS CONTRA OS RISCOS:—Fogo casual e proveniente de guerra, de transportes terrestres e maritimos, agricolas, postais, roubo, contra quebra de cristais, automoveis, gado, etc., etc.

Agencias no Paiz e Ilhas.

O Conselho de Administração:
Alberto Correia, Antonio Barbosa, Antonio Cardoso de Sousa, José da Costa Pereira, José Dias da Silva.

Quiosque-Tabacaria

Praça da Republica
— OVAR —

ANGELO GONZALEZ

Sempre á venda charutos da Bahia, tabacos nacionais e estrangeiros. Papel para cartas, idem de 25 e 35 linhas, lapis, lapiseiras, canetas, bicos de escrever, papel de fumar, livros, loterias, cervejas, refrigerantes Sameiro, rebuçados, tintas de escrever e copiar, funradeiras, pomadas preta e de côr para calçado, bolsas de borracha para taqaco e muitos outros artigos.

ATLANTICA

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital social (Escudos) 500.000$00
Capital realisado (Escudos) 150.000$00
Fundo de reserva (Escudos) 150.000$00

Séde: Largo dos Loios, 92—PORTO

Receita de 1914 (Esc.)..	36.988$03,5	Sinistros pagos em 1914..	21.601$41
» de 1915 » ..	71.197$29,5	» » em 1915..	25.903$15
» de 1916 » ..	537.897$94,3	» » em 1916..	153.470$90
» de 1917 » ..	3.139:404$23	» » em 1917..	1.427:035$74

Afóra os que se teem pago até esta data

Agencias em França, Inglaterra, Noruega, Suecia, Dinamarca, Espanha e Egito. Seguros contra fogo. Seguros contra fogo e roubo. Seguros contra grêves e tumultos. Seguros agricolas. Seguros contra quebra de cristais. Seguros de guerra. Seguros maritimos e postais. Seguros contra inundações e enxurradas.

Conselho de Administração:

Manoel Joaquim de Oliveira
Dr. José Maria Soares Vieira
Silvino Pinheiro de Magalhães
Dr. Leopoldo Correia Mourão } Directores delegados
Jaime de Sousa

Agentes em todas as terras do paiz

Comissarios de avarias em todos os pontos do mundo

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

OVAR

Depositos á ordem, com o juro de 2 1/2 % e 3 1/2 %

Depositos a prazo, com o juro de 3 1/2 %, 4 % e 4 1/2 %, respectivamente a tres, seis mezes e ao ano.

Saques sobre todas as localidades, aos melhores premios.

Descontos sobre a praça a 6 % ao ano.

Emprestimos cauclonados, cambios, coupons e papeis de credito.

IMPRENSA PÁTRIA

R. ANTERO DO QUENTAL
OVAR

Execução rápida e perfeita de todos os trabalhos tipográficos. Impressão a ouro, prata e côres
- ARTIGOS DE PAPELARIA -